

Com a segurança, não existe já ganhou

Ministro-chefe do Gabinete Militar revela que aumentou o número de agentes que protegem FH

ENTREVISTA

Alberto Cardoso

• Responsável pela segurança do presidente e candidato Fernando Henrique Cardoso, o ministro-chefe do Gabinete Militar, general Alberto Cardoso, não abre mão de manter o rigor nas viagens de campanha. Em entrevista ao GLOBO, o general — que também tem sob seu comando a recém-criada Secretaria Nacional Antidrogas — revela que o número de agentes escalados para proteger o presidente foi ampliado e deixa claro: não existe “já ganhou” quando se trata de segurança.

Jorge Bastos Moreno e
Luiz Antônio Novaes

BRASÍLIA

• Qual o maior susto que o senhor já levou como responsável pela segurança do presidente?

CARDOSO: Foram dois. O primeiro foi em março de 1995, em Carajás (PA), quando um deque onde estava a imprensa cedeu. Imediatamente procurei o presidente e o vi na beira do deque, olhando o que acontecia. Foi um susto que durou pouco; em segundos, ele foi retirado de lá. O outro foi em Campina Grande (PB), quando, numa rua meio estreita, o ônibus do presidente foi apedrejado. O presidente foi protegido, mas não deixou de ser um susto. Desde então, vimos que essa liberdade de ir e vir tinha que ser relativa.

• Como é fazer a segurança de alguém que, além de presidente, é candidato?

CARDOSO: Continuamos trabalhando dentro dos mesmos critérios porque não existe segurança relativa em relação a autoridade.



Gustavo Miranda

GENERAL CARDOSO: “O presidente sabe que perde parte da privacidade”

des. A única diferença é que agora procuramos ser menos ostensivos, mais discretos.

• Se o comitê, por exemplo, quiser fazer uma viagem e o senhor discordar, como fica?

CARDOSO: Fazemos um trabalho em íntima relação com o pessoal da campanha. Temos um homem com essa missão. Verificam-se as condições do evento, até mesmo se existe a obra que vai ser inaugurada ou visitada.

• Do ponto de vista da segurança,

uma eleição muito fácil pode ser um problema?

CARDOSO: De certa forma, sim. Se o adversário for radical, poderá ir ao desespero.

• O presidente é obediente?

CARDOSO: Muitíssimo. Ele sabe que quem chega ao ponto que chegou, perde um pouco do livre arbítrio e da privacidade.

O GLOBO: Como foram suas visitas de surpresa a saques?

CARDOSO: Estive nessas situações para conhecer a tática de-

les. Não foi para evitar nada nem para anotar o nome de ninguém. Também já estive em dois acampamentos de sem-terra. Não espionando, apenas conversando.

• O senhor também tem sob seu comando a recém criada Secretaria Nacional Antidrogas, entregue ao juiz Wálter Maierovitch. Apóia o projeto que cria o crime de “lavagem de cidadania”?

CARDOSO: Apóio a idéia. Junto com a regulamentação da Lei de Lavagem de Dinheiro, na Casa Civil em vias de conclusão, outra preocupação da Agência Nacional Antidrogas é o aperfeiçoamento da legislação que trata da concessão de cidadania brasileira a estrangeiros.

• O senhor não teme que a medida acabe restringindo a concessão de cidadania?

CARDOSO: Não podemos, de uma hora para outra, e sem tomar todos os cuidados, dificultar a entrada de estrangeiros no país. As pessoas envolvidas com o tráfico ou com o crime organizado, de uma maneira geral, são conhecidas pelos órgãos policiais dos países de origem.

• A regulamentação da lei contra a lavagem de dinheiro não está muito lenta?

CARDOSO: Temos de tomar muito cuidado para não criarmos uma legislação capenga. Porque o que queremos é tirar o oxigênio do narcotráfico, que é o grande financiador. De que adianta continuar prendendo garotos em esquina? Você prende um e amanhã aparecem dez.

• Mas por que não se pegou até hoje um grande traficante?

CARDOSO: Porque ainda não temos o arcabouço jurídico neces-

sário. Os bancos têm de ser obrigados a informar sinais de suspeição e movimentação de conta bancária, em grandes depósitos. Os juízes usam uma expressão muito interessante: o crime organizado, no mundo todo, cresceu exponencialmente, enquanto a nossa capacidade de se contrapor a ele teve um crescimento de lesma reumática.

• O senhor é contra a legalização dos cassinos?

CARDOSO: Sim, porque têm sido uma porta de entrada para lavagem de dinheiro. Seria bom se o Congresso aprovasse essa lei somente após a regulamentação do crime de lavagem.

• Em quanto tempo a sociedade vai tomar conhecimento da ação da nova agência?

CARDOSO: O objetivo é, em menos de um ano, apresentar ao país um grande chefe do tráfico.

• O senhor defende que a legislação tenha penas mais brandas para o consumidor?

CARDOSO: Não diria que se deva abrandar a punição, mas não se pode atribuir o mesmo nível de responsabilidade ao usuário, ao traficante e ao fornecedor.

• De onde vêm os recursos para a atuação da nova agência?

CARDOSO: De um fundo alimentado basicamente por leilões de bens dos traficantes.

• Não é muito pouco?

CARDOSO: Sim, e até hoje o processo de transformação dessa fonte em dinheiro está deixando muito a desejar. O bem apreendido acaba se deteriorando. Tenho defendido uma espécie de rito sumário, como se conseguiu com as desapropriações de terra. ■